

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

USO DOS CONECTORES *PORTANTO* E *POR ISSO* AO LONGO DOS SÉCULOS XIX E  
XX

Joyce Roberta Gomes dos Santos

Rio de Janeiro

2020

JOYCE ROBERTA GOMES DOS SANTOS

USO DOS CONECTORES *PORTANTO* E *POR ISSO* AO LONGO DOS SÉCULOS XIX E  
XX

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação  
Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição  
Auxiliadora de Paiva

RIO DE JANEIRO

2020

## CIP - Catalogação na Publicação

SS237u Santos, Joyce Roberta Gomes dos  
USO DOS CONECTORES PORTANTO E POR ISSO AO LONGO  
DOS SÉCULOS XIX E XX / Joyce Roberta Gomes dos  
Santos. -- Rio de Janeiro, 2020.  
44 f.

Orientadora: Maria da Conceição Auxiliadora Paiva.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português  
Literaturas, 2020.

1. Portanto. 2. Por Isso. 3. Relação Conclusiva.  
4. Conectores conclusivos. 5. Mudança Linguística. I.  
Paiva, Maria da Conceição Auxiliadora, orient. II.  
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a  
responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Joyce Roberta Gomes dos Santos

DRE: 116040857

TÍTULO DO TRABALHO: USO DOS CONECTORES *PORTANTO* E *POR ISSO* AO  
LONGO DOS SÉCULOS XIX E XX

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação  
Português/Literaturas.

Data de avaliação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

NOTA: \_\_\_\_

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

NOTA: \_\_\_\_

Assinatura dos Avaliadores:

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a minha avó, Silvana Araújo, por ser a minha maior incentivadora e minha grande inspiração. Seu apoio e dedicação foram essenciais para minha formação profissional e pessoal; todas as minhas conquistas e vitórias são graças a ela.

Agradeço imensamente a minha orientadora de iniciação científica, Maria da Conceição de Paiva - por quem tenho absoluta admiração e respeito, sendo grande referência pessoal e profissional para mim - por todos os ensinamentos, pela disponibilidade, pela amizade e por todo o carinho, apoio e incentivo ao longo desses anos.

Agradeço ao professor Marcelo Alexandre, por ter aceitado o convite para este trabalho, pela compreensão e por toda a parceria. Agradeço pelas divertidas conversas e pelos conselhos que contribuíram em toda a minha trajetória pela graduação.

Agradeço aos demais docentes da Faculdade de Letras por todos os aprendizados, pelas experiências e por me proporcionarem uma excelente formação acadêmica e profissional.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico) pela disponibilização da bolsa de estudos. Esse auxílio financeiro foi fundamental para a minha formação e possibilitou minha dedicação integral aos meus estudos.

Agradeço ao meu avô, Carlos Pablito, ao meu pai, Jorge Santos e a minha mãe, Solange Gomes, por todo o amor, pelo amparo e por todos os esforços e sacrifícios para que eu realizasse meus sonhos.

A todos, muitíssimo obrigada!

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PERSPECTIVA TEÓRICA .....	10
2.1 OS MODELOS BASEADOS NO USO (MBU) .....	10
2.2 O FENÔMENO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA .....	12
3 RELAÇÃO CONCLUSIVA: ASPECTOS SEMÂNTICOS E DISCURSIVOS .....	15
3.1 ASPECTOS SEMÂNTICOS DA RELAÇÃO CONCLUSIVA .....	15
3.2 ASPECTOS FORMAIS DA RELAÇÃO CONCLUSIVA .....	17
4 AMOSTRA E METODOLOGIA.....	22
4.1 AMOSTRA.....	22
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	24
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	26
5.1 FUNÇÃO DO CONECTOR.....	27
5.2 TIPO DE SEGMENTO LIGADO PELO CONECTOR .....	30
5.3 POSIÇÃO DO CONECTOR.....	32
5.4 CORRELAÇÃO COM SEQUÊNCIA DISCURSIVA .....	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	41

## ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 – Continuum de elementos conclusivos

Quadro 1 – Relação dos textos da amostra

Gráfico 1 – Distribuição dos conectores *portanto* e *por isso* ao longo dos séculos XIX e XX

Tabela 1 – Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com a função

Tabela 2 – Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com o tipo de segmento relacionado

Tabela 3 – Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com a posição que ocupam no segmento textual em que está inserido

Tabela 4 – Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com o tipo de sequência textual em que se insere

## 1 INTRODUÇÃO

A relação conclusiva já foi tratada em outros estudos e abrange múltiplas definições no que se refere a seus aspectos semânticos e formais. Ainda que este tema apresente divergências quanto a sua conceitualização, à maneira como se realiza e a natureza do seu termo de ligação, muitos trabalhos se destacam por abordar os elementos que estabelecem esta relação: os conectores conclusivos.

Em nossa pesquisa, decidimos focalizar os conectores conclusivos *portanto* e *por isso* e temos como objetivo central analisar as mudanças que sofreram em seu uso ao longo dos séculos XIX e XX. Escolhemos esses conectores pois, dentre os diversos conectores conclusivos formados pela base *por*, esses foram os que apresentaram maior ocorrência num levantamento realizado como parte do trabalho de iniciação científica. O recorte temporal também se justifica por uma questão de ocorrência, uma vez que somente nos textos selecionados para os séculos XIX e XX foi atestada uma quantidade equilibrada de dados de ambos os conectores.

Nosso trabalho consiste em um estudo em tempo real de longa duração, visto que essa abordagem nos permite uma compreensão mais ampla do fenômeno da mudança linguística. Analisamos as diferenças de uso entre esses conectores ao longo desse período de acordo com suas propriedades, considerando: a função que o conector exerce na relação conclusiva (consequência, conclusão ou resumo), o tipo de segmento textual com que se liga (orações, períodos ou constituintes), a posição do conector dentro do segmento em que está inserido e o tipo de sequência textual em que ocorre (narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo, injuntivo ou dialógico). Para a realização desta pesquisa, utilizamos seis textos, sendo três para cada século, de diferentes gêneros textuais.

Adotamos neste estudo a perspectiva dos Modelos Baseados no Uso (MBU), os quais combinam aspectos do Funcionalismo, que assume que o sistema linguístico não é autônomo e sim dependente do uso que os falantes fazem dele, e da Linguística Cognitiva, ao incorporar a importância dos processos cognitivos mais gerais na estruturação, variação e mudança dos sistemas linguísticos (cf. KEMMER; BARLOW, 2000; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Os MBU entendem a mudança como um fenômeno essencial e inerente à linguagem, motivada pelo tempo e pelos contextos comunicativos em que os elementos linguísticos ocorrem.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: além deste capítulo introdutório, apresentamos, no capítulo 2, a perspectiva teórica dos Modelos Baseados no Uso e os pressupostos que mais se relacionam à nossa análise, principalmente os relacionados à mudança e frequência. No capítulo 3, fazemos um breve resumo de trabalhos já realizados sobre a relação conclusiva e, mais especificamente, sobre os conectores *portanto* e *por isso*. Em seguida, no capítulo 4, apresentamos a amostra e os procedimentos metodológicos utilizados para atingir o objetivo esperado. No capítulo 5, apresentamos a análise de dados e discutimos os resultados obtidos. Por fim, no capítulo 6, destacamos as conclusões mais importantes deste estudo, principalmente no que diz respeito às mudanças sofridas pelos conectores *portanto* e *por isso* nos séculos XIX e XX.

## 2 PERSPECTIVA TEÓRICA

Este capítulo aborda a perspectiva teórica na qual se insere o trabalho de pesquisa. Primeiramente, apresentamos uma breve explicação sobre o modelo funcionalista e os Modelos Baseados no Uso, focalizando a contribuição dessas novas correntes teóricas e suas principais características. Por fim, discutimos a importância dessa abordagem para a compreensão do fenômeno de mudança linguística, objetivo deste trabalho que, como já explicitado na introdução, se concentra no uso dos conectores conclusivos *portanto* e *por isso* ao longo dos séculos XIX e XX.

### 2.1 OS MODELOS BASEADOS NO USO (MBU)

A Linguística Moderna surge no início do século XX, a partir dos estudos do linguista Ferdinand de Saussure, propondo novas visões e concepções acerca da linguagem. Assim, as noções de estrutura, sistema e a distinção entre língua e fala passam a fundamentar os estudos linguísticos (DIRVEN; FRIED, 1987).

Embora em um primeiro momento a linguística estivesse mais associada a um estudo da linguagem como um mecanismo autônomo e abstrato, logo os aspectos relacionados à função das formas linguísticas passaram a ser priorizados. Os linguistas da Escola de Praga, por exemplo, foram os primeiros a chamar a atenção para a estreita interrelação entre forma e função (FONTAINE, 1978). Destacaram-se por discordarem de definições como a distinção proposta pelo estruturalismo entre sincronia e diacronia e de que o sistema linguístico era homogêneo e independente.

A partir de então, novos estudos motivados por essa perspectiva funcional da língua surgiram, como as da Escola de Londres, os grupos holandeses e as análises funcionalistas americanas. Esses estudiosos inovaram ao reconhecer a relação entre forma e função e vincular a estrutura linguística ao seu uso; dando início, então, a uma visão da língua como produto do uso que os falantes fazem das estruturas linguísticas em contextos comunicativos específicos.

As correntes funcionalistas de estudos linguísticos enfatizam a relação entre a língua e o contexto. Seus princípios básicos são os de que as formas linguísticas desempenham funções comunicativas e interacionais e que a estrutura da língua é motivada por seus diferentes usos. Assim, esta abordagem acredita que a estrutura da língua não se restringe a um conjunto de regras de nível sintático, mas é um reflexo de aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos

(CROFT, 1995). Os funcionalistas defendem que, para uma análise linguística estar completa, esses aspectos devem ser considerados.

Mais recentemente, muitos dos pressupostos funcionalistas foram incorporados ao que ficou conhecido como Modelos Baseados no Uso (MBU), uma perspectiva teórica que conjuga aspectos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva. Da primeira, incorpora o princípio de que a linguagem é uma estrutura relacionada a seus contextos de uso e suas funções comunicativas. Da abordagem cognitivista, incorpora o pressuposto de que processos cognitivos que estão na base da linguagem são mais gerais e atuam sobre diversas formas do comportamento humano. Desse modo, os Modelos Baseados no Uso são correntes teóricas que se caracterizam por relacionarem a linguagem e sua estrutura a elementos de ordem externa. Entendem que a língua não é um objeto autônomo, mas é dependente e motivada pela experiência do falante (cf, por exemplo, KEMMER; BARLOW, 2000; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Assim, essa perspectiva teórica propõe que o contexto discursivo está intimamente relacionado à gramática da língua; a forma da língua reflete suas características de uso, concomitantemente, seu uso reflete características de sua forma. Dessa maneira, segundo esses modelos, o contexto comunicativo desempenha papel fundamental na análise linguística. Assim, os MBU destacam a necessidade de estudos com dados oriundos de situações reais de comunicação, tanto na fala quanto na escrita.

Outro pressuposto central dentro dessa perspectiva é a importância da frequência. Uma vez que, segundo os MBU, a estrutura da língua é baseada em instâncias de uso, o número de ocorrências de uma forma ou de uma estrutura é um fator fundamental para a generalização de padrões mais abstratos e para a compreensão do fenômeno de mudança linguística. A frequência influencia na representação dos elementos linguísticos na medida em que é capaz de fortalecer e reforçar usos. A repetição desencadeia um processamento mental cada vez mais rápido e fácil, o que estabelece rotinas cognitivas, com usos mais automatizados e previsíveis (BYBEE, 1988; LANGACKER, 1988). Assim, entende-se que, como destacam Kemmer e Barlow (2000), a frequência está na base da mudança linguística, elegendo novos usos ou conservando outros já existentes.

Conforme destacado no início desta seção, além de enfatizar a importância do uso, os Modelos Baseados no Uso também postulam que processos cognitivos mais gerais operam sobre a linguagem e sua estrutura (BYBEE, 2010; BYBBE; BECKNER, 2010). Segundo Bybee

(2010), cinco processos organizam a linguagem: a categorização, o *chunking*, a analogia, memória rica e associação transmodal.

A categorização é um processo cognitivo geral da experiência humana, que se reflete na linguagem, no qual categorias são criadas a partir das semelhanças que determinados elementos apresentam. Quando há similaridades, os elementos se aproximam e se enquadram em uma mesma categoria, à medida que as diferenças resultam no distanciamento. O processo de *chunking* diz respeito a memorização de sequências de palavras que, por serem regularmente utilizadas juntas, formam um *chunk* e são armazenadas como uma única unidade (BYBEE, 2010). Esse processo cognitivo é fundamental para a formação de novas construções e está diretamente associado à frequência – aspecto discutido anteriormente nessa seção.

A analogia, por sua vez, consiste na criação de novos enunciados com base em outros já existentes. Esse processo está, de certo modo, associado à categorização já que envolve as noções de comparação e similaridade. O quarto processo se refere à ampla capacidade de armazenamento de informações do homem. No âmbito da linguagem, a memória rica permite ao indivíduo reter experiências linguísticas desde os níveis estruturais até os contextuais e socioculturais. Por fim, opera o processo cognitivo de associação transmodal, que cumpre assegurar a vinculação entre as formas e suas funções e significados. Ao atribuir importância central aos processos cognitivos gerais, os MBU compreendem que eles são essenciais para a compreensão e explicação dos aspectos regulares e irregulares da língua.

## 2.2 O FENÔMENO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

As línguas estão em constante mudança e variação (LABOV, 1972, BYBEE, 2010). Mudam em função das transformações que caracterizam a vida na sociedade de maneira geral, seja pela necessidade de designar novos conceitos ou para se adaptar a novos aspectos socioculturais, históricos ou políticos. Essas mudanças ocorrem de maneira gradual ao longo do tempo.

Os Modelos Baseados no Uso entendem a mudança linguística como um dos aspectos essenciais dos sistemas linguísticos, uma decorrência natural da sua dinamicidade. Como esse modelo teórico enfatiza o papel da experiência humana na produção e no processamento linguístico, defende que a mudança linguística é motivada não apenas pelo fator tempo, mas também pelas necessidades comunicativas e pela cognição. O tempo, portanto, mais equivale a

um eixo que permite a observação e a ocorrência da transformação das línguas, mas não é propriamente a sua motivação.

Além disso, os MBU refutam a distinção entre a sincronia e a diacronia, proposta pelo modelo estruturalista. A dicotomia tornou-se inválida uma vez que, para sustentá-la, seria necessário o pressuposto de que as línguas se mantêm uniformes por determinados estágios do tempo, o que não ocorre (LYONS, 1979). A dissolução da fronteira entre sincronia e diacronia facilitou os estudos de mudanças ao propor, com base no Princípio do Uniformitarismo, que os mesmos fatores que geram mudanças em curso na língua, foram os responsáveis por mudanças já concluídas (LABOV, 1972; 1994; PAIVA; DUARTE, 2003).

Os estudos de mudança podem ser realizados em tempo aparente ou em tempo real. O estudo da mudança em tempo aparente consiste na comparação da linguagem de informantes de diferentes faixas etárias em um mesmo período. Ou seja, este estudo está baseado no pressuposto de que as diferenças de uso entre gerações podem indicar mudança em curso na língua. Os estudos de mudança em tempo real, por sua vez, são realizados na linha do tempo, através da comparação entre dois ou mais momentos da história de uma língua.

Segundo Labov (1994), os estudos em tempo real se caracterizam por dois tipos de análise: os estudos de curta duração e os estudos de longa duração. Os estudos de curta duração envolvem a análise de períodos curtos de tempo, através da comparação do comportamento de amostras de uma mesma comunidade de fala ou do mesmo indivíduo em momentos diferentes separados por um intervalo de, aproximadamente, uma geração. Os estudos de longa duração, por outro lado, consideram períodos extensos de tempo, podendo englobar, por exemplo, desde o português arcaico até o português contemporâneo. Por contemplar períodos mais extensos de tempo, esse tipo de análise, necessariamente, se baseia em dados da escrita (cf. também PAIVA; DUARTE, 2003; PAIVA, 2016). Nosso trabalho se insere nesta perspectiva, embora considere um recorte de tempo restrito aos séculos XIX e XX.

É preciso destacar, no entanto, que a análise em tempo real de longa duração, embora imprescindível para a compreensão da trajetória das línguas, enfrenta algumas dificuldades e limitações inerentes. Muitas vezes, o fenômeno de mudança no sistema linguístico não é completamente apreendido por não ser possível analisar todas as suas dimensões: no nível do indivíduo, no nível da comunidade e, conseqüentemente, a interrelação entre eles. Somente uma análise conjugada do indivíduo e da comunidade permitiria compreender como se dá de fato a variação e a mudança linguística integralmente.

Uma outra dificuldade inerente ao estudo da mudança em tempo real de longa duração diz respeito às limitações que envolvem a constituição de um *corpus* confiável. Primeiramente, há a dificuldade de se obter dados representativos e controlados, devido à pouca disponibilidade de amostras de estágios anteriores da língua. Outro problema está no nível de confiabilidade acerca dos dados encontrados (LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003). Além disso, devido à limitação de amostras, existe o risco de um *corpus* conter diferentes tipos de gêneros textuais, o que pode influenciar nos resultados dos estudos (BRIGGS; BAUMAN, 1992).

Esta pesquisa, por ter como foco de análise as possíveis mudanças no uso dos conectores conclusivos *portanto* e *por isso* ao longo de um período de tempo não está isenta dos problemas citados acima, principalmente os referentes ao *corpus*. Discutiremos melhor esses aspectos no capítulo 4, em que especificamos a amostra e a metodologia utilizada na realização deste estudo.

### 3 RELAÇÃO CONCLUSIVA: ASPECTOS SEMÂNTICOS E DISCURSIVOS

A relação conclusiva tem sido objeto de estudo de muitos trabalhos. Contudo, essa relação abrange múltiplas definições, visto que nem sempre há convergência entre diferentes estudos. As diferenças de perspectiva envolvem não apenas os aspectos semânticos e pragmáticos da relação de conclusão como também a caracterização do tipo de processo sintático de articulação que os conectores conclusivos realizam, os segmentos textuais que podem ligar (termos, orações e períodos) e a categoria do elemento juntor (conjunção, advérbio ou conector). Estes pontos são abordados ao longo deste capítulo.

#### 3.1 ASPECTOS SEMÂNTICOS DA RELAÇÃO CONCLUSIVA

A definição de conclusão como uma relação independente não é inteiramente consensual, visto que muitos autores a consideram no âmbito do domínio mais amplo da causalidade. De maneira geral, segundo essas visões, a relação conclusiva pode ser associada às noções de conclusão, consequência, resultado, decisão final etc.

Azeredo et al (2009), Sardinha e Oliveira (2010) e Pasquale e Infante (1998) representam alguns dos estudos que definem conclusão como uma relação independente. De acordo com esses autores, a relação conclusiva consiste em uma dedução lógica, ou seja, uma conclusão possível a partir de evidências apresentadas anteriormente, sustentada em um raciocínio inferencial. Trata-se, sob certos aspectos, de uma explicação tautológica, como no exemplo (1):

- (1) E se me esforçara, escrevendo o livro e publicando-o, é porque acreditava em suas qualidades e estava, portanto, cego aos seus defeitos. (Memórias de um escritor, séc. XX).

No exemplo (1), é possível atribuir à oração em que se insere o *portanto* um valor conclusivo por se tratar de uma inferência. Neste trecho, ao declarar que acredita nas qualidades da obra, o autor deixa em aberto a possibilidade de inferir que ele não acredita nos seus defeitos, ou seja, não é capaz de percebê-los.

Diversos outros autores, no entanto, associam a relação conclusiva ao domínio da causalidade, considerando que a oração conclusiva expressa um sentido de consequência lógica a partir de um estado de coisas antecedente (CUNHA; CINTRA, 1985; KURY, 1985;

MARTELLOTA; SILVA, 1996; ALVES, 2013). Assim, em muitos casos, a relação conclusiva pode ser entendida como o desencadeamento de um fato a partir de outro, como exemplificado em (2):

- (2) Quando chegou de Inglaterra, considerou nos (sic) como dois homens completos e, por isso, encarregou-nos de duas comissões importantes. (Memórias do Marquês de Fronteira e D'Alorna, séc. XIX).

No exemplo (2), temos o trecho de um relato do Marquês de Fronteira e D'Alorna, autor da obra, sobre sua avó. Neste caso, a consideração da avó sobre seus dois netos como pessoas suficientemente maduras ocasionou a decisão de dar-lhes a responsabilidade de duas comissões importantes. Sendo assim, no caso acima, o segmento introduzido por *por isso* pode ser interpretado como uma consequência da causa expressa no segmento antecedente.

Os estudos de Figueiredo e Figueiredo (2009) e Mira Mateus et al (1986) também corroboram essa perspectiva de associação da relação conclusiva à relação causa-consequência. Para os autores, a relação conclusiva é uma relação de condição-consequência que se constrói a partir do esquema *A, portanto B*, no qual *A* exprime uma condição suficiente para que se verifique o conseqüente *B*. Os autores destacam a ordenação temporal entre os fatos, ao compreender que existe uma sequência lógica e hierárquica na relação. O fato *B* não pode ser concluído sem o fato *A*, estabelecendo, dessa maneira, uma relação de implicação e de dependência semântica entre as proposições.

Independentemente da conceituação adotada, parece ser evidente que as construções conclusivas se enquadram no âmbito da *noção de causalidade*. Como discute Paiva (1991, 1996), a causalidade, em seu sentido mais estrito, se configura como uma condição suficiente para a ocorrência de um fato. No entanto, numa concepção mais ampla, como destacado por Paiva (1996), se consideramos os aspectos pragmáticos do discurso, o conceito de causalidade abrange outros tipos de relações; como causa, motivo, razão, explicação, evidência ou justificação.

Outros estudiosos interpretam a relação conclusiva como uma instância da relação causal mais específica, que se dá no domínio epistêmico. Sweetser (1990) propõe que as relações causais podem ser estabelecidas em diferentes domínios cognitivo-pragmáticos: domínio referencial, domínio epistêmico e domínio dos atos de fala ou interacional. O domínio referencial ou do conteúdo diz respeito a relações causais entre fatos verificáveis no mundo real, no qual uma causa desencadeia um efeito ou consequência. No domínio epistêmico, se

situam relações causais de caráter mais subjetivo, que consistem na relação entre uma premissa e sua conclusão. Já no domínio dos atos de fala ou interacional temos justificativas e explicações para atos de fala, como ordens, sugestões, pedidos etc. (cf. também PAIVA, 1996, DANCYGIER; SWEETSER, 2000). Em um estudo mais detalhado da relação conclusiva, Lopes et al (2001) definem a relação conclusiva como um processo que ocorre no nível epistêmico, expressando uma forma de causalidade que implica a atuação de processos inferenciais. Para os autores, a junção de uma premissa implícita com uma premissa explícita autoriza um raciocínio dedutivo. Em outros termos, a premissa implícita permite o desencadeamento de uma conclusão.

No entanto, Marques (2014) apresenta uma análise mais ampla da relação conclusiva ao considerar que essa relação opera em diferentes subníveis. Através de uma análise de dados de fala, a autora (op. cit.) notou que os conectores conclusivos podem ocorrer em três tipos de contexto, expressando em cada um uma função própria: a de consequência, a de conclusão ou a de resumo. Assim, Marques (op. cit.) propõe que a relação conclusiva se estabelece por meio de uma implicação entre o segmento textual que contém o conector e o enunciado antecedente com que se liga, denotando um desses valores. Embora cada função apresente suas particularidades, todas expressam uma implicação resultante do enunciado anterior. A Função Conclusão-Consequência implica o resultado de uma causa, a Conclusão-Conclusão corresponde ao resultado de uma inferência e a Função Conclusão-Resumo consiste na síntese de um conjunto de informações apresentadas no discurso precedente. Essa perspectiva de relação conclusiva é a adotada nesta pesquisa e será aprofundada no capítulo 5, quando apresentamos os resultados da nossa análise.

### 3.2 ASPECTOS FORMAIS DA RELAÇÃO CONCLUSIVA

De forma geral, os estudiosos concordam majoritariamente que a relação conclusiva constitui um mecanismo de articulação de orações por coordenação. De acordo com a maioria das gramáticas tradicionais, a coordenação liga orações independentes, enquanto o processo de subordinação implica dependência de uma das orações em relação a uma oração matriz. Dentro dessa perspectiva, a construção conclusiva constitui um processo de coordenação na medida em que o segmento textual introduzido pelo elemento juntor se liga àquele que o antecede sem estabelecer uma dependência sintática ou semântica (CUNHA; CINTRA, 1985).

É necessário destacar, no entanto, que essa separação dicotômica entre coordenação e subordinação com base na dependência/independência entre as orações desagradou muitos estudiosos. Segundo alguns autores, os segmentos textuais realmente se apresentam como independentes estruturalmente, porém, não possuem sentido completo individualmente. Sendo assim, a relação conclusiva pode ser entendida como sintaticamente independente e semanticamente dependente (KOCH; SILVA, 2001; MIRA MATEUS ET AL, 1986).

Outra questão a considerar diz respeito aos tipos de segmentos que podem ocorrer na relação conclusiva. Geralmente se considera mais prototipicamente a possibilidade de emergência do sentido de conclusão entre duas orações. As múltiplas gramáticas e estudos concordam que as construções conclusivas são compostas por duas orações interligadas por algum elemento de junção (PEZATTI, 2001; LONGHIN-THOMAZI, 2006; CUNHA; CINTRA, 1985). Entretanto, outros padrões de construção são considerados por diversos autores, que defendem também a possibilidade de relação de conclusão entre porções maiores do discurso, como períodos, parágrafos e/ou capítulos, e entre termos.

Dik (1997), por exemplo, admite que a relação conclusiva pode se estabelecer entre porções textuais maiores e mais complexas, seguindo o esquema ‘oração(s) precedente(s) – conector – oração’, que consiste na ligação de um período simples a um período simples ou composto. Ducrot (2009) avançou um pouco mais, ao afirmar que a conclusão pode ocorrer entre duas orações ou entre sequências de orações e Guimarães (2001) foi além, ao afirmar a possibilidade de relação conclusiva entre parágrafos e também entre capítulos. De forma um pouco diferente, Peres (1997) defende que apenas o elemento *portanto* é capaz de interligar tanto orações quanto segmentos textuais maiores.

A ocorrência da relação conclusiva entre termos, admitida por muitos autores, apresenta divergências quanto ao valor semântico. Segundo Neves (2000), a relação semântica de conclusão pode ser estabelecida entre termos. Por outro lado, Novaes (2001) e Hilgert (1996, p. 132 apud NOVAES, 2001) consideram que este esquema só pode ser articulado pelo *portanto* e, além disso, não denota sentido conclusivo. Os autores alegam que, nesses casos, o *portanto* funciona como um reformulador de uma informação apresentada no segmento antecedente e expressa relações de esclarecimento, especificação, reformulação ou direcionamento em uma gradação. Não se trata, então, de uma conclusão, mas de um recurso que opera apenas no sentido de garantir e facilitar a compreensão.

Em nossa análise, optamos por considerar os três tipos de segmentos como estruturadores do processo conclusivo, já que essa perspectiva pode ser conciliada com a

definição de Marques (2014) sobre os diferentes tipos de relação conclusiva, brevemente apresentada na seção 3.1.

Além das divergências quanto à natureza sintática da relação de conclusão, há discussões também quanto à natureza do elemento que liga os dois segmentos discursivos, como é o caso de *portanto* e *por isso*, focalizados neste estudo. Muitos gramáticos, como Rocha Lima (1956), Barbosa (1881) e Cunha e Cintra (1985), definem estes elementos como conjunções coordenativas, cuja função é unir duas orações independentes conferindo-lhes o sentido de conclusão. É importante notar que esta definição restringe a possibilidade de esses elementos relacionarem segmentos textuais maiores. Entretanto, outros autores inserem estes elementos em outras categorias, considerando-os como conectores ou advérbios juntivos ao invés de conjunções, o termo mais frequentemente adotado pelas gramáticas tradicionais.

Na opinião de Dik (1997), os articuladores da relação conclusiva são conectores, ou seja, elementos capazes de interligar diferentes tipos de segmentos textuais: termos, orações ou até porções maiores de textos, como já destacado acima. Mateus et al (2003) compartilham essa posição, admitindo que alguns dos elementos capazes de realizar a relação de conclusão, como *então*, *ai* e *o por isso*, são conectores e não propriamente conjunções. Neves (2000), por outro lado, considera que muitos articuladores conclusivos constituem advérbios juntivos, ou seja, “advérbios que operam conjunção de orações”. De forma semelhante, Bechara (2009) classifica esses elementos como unidades adverbiais. Segundo o autor, podem ser classificados dessa forma por não conectarem orações, mas por marcarem relações textuais e apresentarem mobilidade. Neste trabalho, assumimos a posição de que os articuladores de relação conclusiva constituem conectores, por acreditarmos que esta definição permite reconhecer a natureza multifuncional desses elementos.

Baseados numa visão de que funções como *advérbio* e *conjunção* constituem um continuum, alguns estudos consideram que a oscilação na classificação da categoria dos articuladores de conclusão é uma consequência do fato de que eles são elementos em processo de gramaticalização (NEVES, 2000; PEZATTI, 2001). Assim, embora possam funcionar como elementos de ligação entre orações ou segmentos textuais maiores, ainda preservam características de natureza adverbial, como, por exemplo, a capacidade de se deslocar dentro da oração e certo valor anafórico.

Segundo esses estudos, alguns conectores conclusivos estão mais gramaticalizados do que outros. O elemento *logo*, por exemplo, já se consagrou como conjunção, sendo considerado, inclusive, a conjunção conclusiva prototípica. Os demais juntivos conclusivos, como *portanto*,

*por conseguinte, assim, então* e *por isso* são advérbios em processo de mudança (PEZATTI, 2001; AMORIM; SOUSA, 2009; AZEREDO ET AL, 2009; NEVES, 2000). A escala mostrada na figura 1, proposta por Pezatti (2001), ilustra a trajetória de alguns desses elementos com base nas características que ainda apresentam e no estágio de gramaticalização em que se encontram. Nessa trajetória, é possível notar que alguns deles já apresentam mais propriedades de conjunção enquanto outros ainda conservam as de advérbio:

Figura 1 - Continuum de elementos conclusivos

Advérbio-----Conjunção  
por isso > então > portanto > logo

FONTE: (PEZATTI, 2001, p. 93)

É interessante focalizar o comportamento e as diferenças entre o *portanto* e o *por isso*, objetos de análise deste trabalho, na escala de gramaticalização como conector conclusivo. É possível observar na escala proposta pela autora que, embora nenhuma das duas formas esteja totalmente gramaticalizada, o elemento *portanto* está mais próximo de completar o processo do que o elemento *por isso*. Em vista disso, ambos os juntores apresentam certos traços adverbiais, embora *por isso* apresente mais propriedades dessa categoria do que *portanto*.

*Por isso* ainda apresenta a possibilidade de se deslocar dentro da oração e pode ocorrer precedido pelo conector *e*. Vale destacar também que, em alguns contextos, *por isso* não pode alternar com *logo*, ou seja, com uma conjunção conclusiva prototípica. Além disso, *por isso* se particulariza por poder, em muitos casos, ser usado com um valor circunstancial de causa ou expressando ambiguidade semântica com a relação explicativa. Pode ainda ocorrer acompanhado do advérbio de intensidade *mesmo*, denotando um valor de ênfase (BARRETO, 1999). Já o elemento *portanto* mantém de sua natureza adverbial apenas a mobilidade dentro do segmento textual em que se situa e a possibilidade de ser introduzido pela conjunção *e* em alguns contextos (PEZATTI, 1999). Nota-se, então, que *portanto* está mais distante das propriedades de advérbio e se aproxima mais de uma conjunção. Para Carone (1997), por exemplo, *portanto* já completou seu processo de gramaticalização, podendo ser considerada, de fato, uma conjunção conclusiva.

É evidente, então, que há diversas concepções sobre a relação conclusiva. Neste trabalho, optamos por considerar a relação conclusiva sob os seus aspectos mais multifuncionais destacados pelos estudiosos. Muitos dos conceitos e discussões deste capítulo

serão retomados no capítulo 5. No capítulo seguinte, apresentamos os procedimentos adotados para a realização da análise empreendida neste trabalho.

## 4 AMOSTRA E METODOLOGIA

Nossa pesquisa consiste em um estudo diacrônico dos conectores conclusivos *portanto* e *por isso*. Analisamos as diferenças de uso entre esses dois articuladores da relação conclusiva e as mudanças nas suas propriedades ao longo dos séculos XIX e XX, período denominado Português Moderno/Contemporâneo (MATTOS E SILVA, 2007). Embora nossa análise compreenda um período curto de tempo, consiste em um estudo em tempo real de longa duração (LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003), já que a perspectiva de comparação entre dois momentos da linha temporal permite uma verificação empírica mais segura das mudanças sofridas por uma língua.

Neste capítulo, detalhamos a amostra de dados utilizada neste estudo e discutimos algumas questões relativas ao *corpus*. Em seguida, abordamos os procedimentos metodológicos adotados na análise dos dados.

### 4.1 AMOSTRA

Este estudo se baseia em um levantamento realizado em um conjunto de textos representativos do português brasileiro e europeu dos séculos XIX e XX. A amostra utilizada para a realização deste estudo é composta por seis textos do período recortado, sendo três de cada século, como detalhado no quadro 1. É necessário destacar que foram utilizadas apenas versões digitais dos textos relacionados em função da sua maior disponibilidade e facilidade de manuseio.

Quadro 1 – Relação dos textos da amostra

<b>TEXTOS DO PERÍODO MODERNO/CONTEMPORÂNEO DO PORTUGUÊS</b>
<b>Século XIX</b>
A Campanha Abolicionista (1880-1889)
Anno Biographico brasileiro (1876)
Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna (1861)
<b>Século XX</b>
Diagnóstico Brasil: a ocupação do território e o meio ambiente (1990)
Memórias de um escritor (1970)
Provocações e Debates: Contribuições para o Estudo do Brazil Social (1910)

A obra *A Campanha Abolicionista* consiste em uma coletânea de artigos jornalísticos escritos por José do Patrocínio entre os anos de 1880 e 1889 que retratam a temática abolicionista e as opiniões do autor sobre o assunto. O livro *Anno Biographico Brasileiro* foi escrito por Joaquim Manoel de Macedo e apresenta breves biografias de personalidades brasileiras. Já *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna* é uma obra do gênero memórias escrita por José T. Mascarenhas Barreto no ano de 1861, na qual o próprio autor narra sua vida.

Quanto à amostra do século XX, o livro *Diagnóstico Brasil: a ocupação do território e o meio ambiente* consiste em um texto científico que retrata o processo de ocupação do território brasileiro e seus aspectos. Foi escrito por Rivaldo Pinto de Gusmão e publicado em 1990. Já *Memórias de um escritor*, publicado no ano de 1970, é de autoria de Nelson Werneck Sodré e é um relato de suas memórias de vida e profissão. Por fim, *Provocações e Debates: Contribuições para o Estudo do Brazil Social*, do ano 1910, é um volume que reúne diferentes textos sobre os mais diversos assuntos, como análises de autores e pensadores e suas contribuições para o pensamento brasileiro, discussões de problemas sócio-políticos, cartas, uma conferência sobre Duque de Caxias e um discurso para a Academia Brasileira de Letras.

Um problema que fica claro na breve apresentação dos textos é que a amostra é bastante diversificada quanto ao gênero textual, uma vez que não foi possível fazer o controle desta variável. A única restrição prévia diz respeito à exclusão de textos literários. A multiplicidade de gêneros textuais não pôde ser evitada uma vez que este é um estudo diacrônico. Como já discutido brevemente no capítulo 2, uma das grandes dificuldades desse tipo de análise é a pouca disponibilidade de textos representativos de gêneros diversificados, principalmente para os períodos mais remotos da língua, já que muitos deles são fortemente associados a determinados gêneros, o que torna bastante difícil a organização de uma amostra de acordo com essa variável. É necessário ressaltar também que esse foi um dos motivos pelo qual optamos por um recorte temporal mais restrito. A limitação de textos e a necessidade de compor uma amostra com uma quantidade de dados equilibrada determinou a escolha de análise focalizada apenas no português moderno/contemporâneo.

A demarcação dos períodos na história de uma língua é outra questão a ser levantada nos estudos da mudança em tempo real de longa duração. O estabelecimento do início e fim de cada período da história de uma língua é, em grande parte, arbitrário e artificial, uma vez que uma língua não se modifica completamente de uma única vez (CARDEIRA, 2009). Além disso, como as mudanças em uma língua ocorrem a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos, como históricos, econômicos, sociais e culturais, as propostas de periodização variam de acordo

com os critérios adotados por cada pesquisador. No entanto, embora as divisões não sejam naturais, auxiliam os pesquisadores a esquematizarem suas análises e compreenderem mais facilmente as transformações linguísticas. Em nossa análise, adotamos a periodização proposta por Mattos e Silva (2007), que considera o período compreendido entre os séculos XIX e XX como português moderno/contemporâneo.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após a definição do objeto de estudo, do período a ser analisado e da seleção dos textos que compõem o *corpus*, deu-se início ao processo de análise. Os textos foram analisados integralmente, sendo desconsideradas apenas partes textuais que não foram redigidas pelo autor. Os dados foram coletados através de buscas automáticas, uma vez que o formato dos textos permite o uso desse recurso.

É necessário esclarecer que, durante o levantamento, algumas ocorrências foram excluídas. Isso se deveu ao fato de que alguns dados não possibilitavam uma compreensão completa, seja pela redação modificada durante o processo de transformação da obra física para digital, seja por uma questão de dificuldade na interpretação. Além disso, outros dados, mais especificamente de *por isso*, não foram considerados por envolverem aspectos que não dizem respeito à nossa pesquisa. Como já discutido na seção 3, a forma *portanto* e a forma *por isso* podem ser utilizadas tanto em função conectiva como em função adverbial. Durante o levantamento, o uso adverbial foi atestado principalmente para a forma *por isso*, que, em muitos casos, não funcionava como conector conclusivo, assumindo outras funções. Em muitos contextos, *por isso* ocorre como um recurso de ênfase, como pode ser observado no exemplo (3), e em outros possui claramente função anafórica, como exemplificado em (4):

(3) Eu não tinha o domínio das informações e das ciências necessárias à pintura de um quadro tão amplo. Desejei, **por isso mesmo**, limitá-lo. (Memórias de um escritor, séc. XX)

(4) Essa observação me recordava outra, que viveu de repetição, e que parecia verdadeira **por isso**. (Memórias de um escritor, séc. XX)

Excluídos os casos destacados acima, os dados coletados na amostra foram analisados de acordo com diversas propriedades: (1) o tipo de relação conclusiva que realizam (consequência, conclusão ou resumo), (2) o tipo de segmento textual com que se liga, (3) a

posição do conector no segmento em que está inserido e (4) o tipo de sequência textual em que ocorre a construção.

Dados os objetivos deste estudo, consideramos a variável tempo como o vetor central da análise. Sendo assim, foram feitas rodadas separadas para cada um dos séculos a fim de verificar de forma mais rigorosa as possíveis alterações nas propriedades dos conectores em análise ao longo do período considerado.

Uma vez codificados, os dados foram analisados quantitativamente através do programa computacional GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para o sistema operacional Windows. Este programa realiza uma análise estatística que permite verificar a distribuição dos dados de acordo com os grupos de fatores selecionados (SCHERRE; NARO, 2003), permitindo, assim, a identificação dos aspectos que possibilitam ou motivam o uso de uma determinada forma e a comparação da frequência de uso de cada uma das formas de acordo com cada um dos fatores de um grupo.

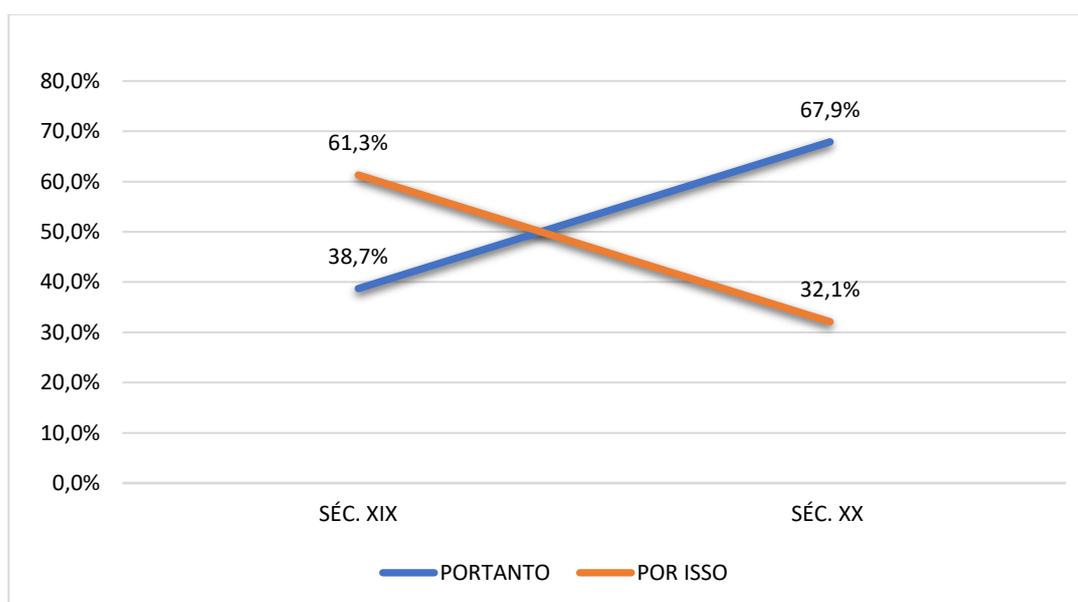
Os resultados estatísticos obtidos nos permitiram observar as principais diferenças entre os conectores *portanto* e *por isso* e as mudanças que sofreram ao longo dos séculos XIX e XX, como será discutido no capítulo 5.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados de nossa análise sobre o uso e a evolução dos conectores conclusivos *portanto* e *por isso* em textos dos séculos XIX e XX. Nos seis textos analisados, obtivemos um total de 248 dados, sendo 136 de segmentos textuais com *portanto* e 112 com *por isso*. Embora os dois conectores estabeleçam a relação de conclusão, mostram certas diferenças quanto aos fatores que determinam seus usos, indicando que esses elementos nem sempre constituem alternantes um do outro.

Como já destacado anteriormente, nossa pesquisa é um estudo diacrônico; tomando, dessa maneira, a variável tempo como vetor central de análise. O primeiro ponto que se destaca na análise é que os conectores *portanto* e *por isso* apresentam trajetória contrária no que se refere à sua frequência, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição dos conectores *portanto* e *por isso* ao longo dos séculos XIX e XX:



Como pode ser observado, no século XIX, o conector *portanto* apresenta frequência de 38,7%, correspondendo a 43 ocorrências sobre um total de 136 dados, e aumenta, significativamente, no século XX, para 67,9% (93 dados). *Por isso*, por outro lado, apresenta 61,3% ocorrências (68 dados) no século XIX, sofrendo uma queda para 32,1% (44 dados) no século XX. É possível perceber, então, que há uma inversão nas frequências dos conectores, com um aumento no uso do conector *portanto* e uma diminuição do conector *por isso* ao longo do período analisado.

Nas seções seguintes, apresentamos a trajetória dos conectores *portanto* e *por isso* ao longo dos séculos XIX e XX, de acordo com suas propriedades semânticas, discursivas e formais.

## 5.1 FUNÇÃO DO CONECTOR

Como já discutido no capítulo 3, tomamos como ponto de partida deste trabalho as diferentes formas de relação conclusiva propostas por Marques (2014). Segundo a autora, a relação conclusiva envolve um processo inferencial possível a partir de um enunciado anterior e pode se estabelecer em três níveis, desempenhando em cada um deles uma função: a de conclusão-consequência, a de conclusão-conclusão ou a de conclusão-resumo (cf. também PEZATTI, 2001; LONGHIN-THOMAZI, 2006; RISSO, 2006). Embora apresentem suas particularidades, todas envolvem uma implicação do tipo  $p \rightarrow q$ .

Retomando rapidamente o que já foi explicado no capítulo 3, a função *Conclusão-Consequência* ocorre quando há uma implicação entre uma causa e seu efeito. Ou seja, o segmento textual que contém o conector corresponde ao resultado de um estado de coisas codificado no segmento que o antecede. Esse tipo de implicação se estabelece de maneira direta, uma vez que a premissa e sua consequência estão explicitadas e seus conteúdos pertencem ao mundo extralinguístico, aproximando-se, por isso, da relação causal no domínio referencial. Assim, essa relação corresponde a uma relação lógica entre as partes correspondentes, como pode ser observado no exemplo (5):

- (5) Já as atividades agrárias, na medida em que se capitalizam, reduzem o uso do fator trabalho em função da Intensificação do processo produtivo que, cada vez mais, emprega tecnologias modernas, provocando, **portanto**, a migração de trabalhadores rurais para as cidades ou para novas áreas agrícolas. (Diagnóstico Brasil, séc. XX)

No exemplo (5), as informações relacionadas entre si pertencem ao mundo extralinguístico. É o fato de as atividades agrárias empregarem cada vez mais tecnologias modernas que resulta na migração dos trabalhadores do campo para as cidades. Não há nenhum conteúdo implícito entre as duas proposições, elas se relacionam diretamente denotando um sentido de causa e efeito.

A função *Conclusão-Conclusão* corresponde a uma implicação entre uma premissa e uma conclusão. Essa relação se instaura a partir de uma inferência, ou seja, uma premissa

explícita é associada a uma conclusão com base em uma premissa implícita recuperada pelo interlocutor. Essa informação está baseada no conhecimento de mundo prévio dos interlocutores e é necessária para que se compreenda a ligação entre a primeira premissa e sua conclusão. Para Lopes et al (2001), trata-se de uma relação lógica de causa/consequência que opera no domínio epistêmico (SWEETSER, 1990). A relação se estabelece, portanto, de forma indireta, como ilustra o exemplo (6):

- (6) Os elegantes de a mais elevada sociedade concorriam a a feira em grande número e, **por isso**, meus Avós e Pais davam brilhantes festas em aqueles dias (sic). (Memórias do Marquês, séc. XIX).

No exemplo (6), percebe-se que a conclusão introduzida pela oração com *por isso* (“**por isso**, meus Avós e Pais davam brilhantes festas em aqueles dias.”) é respaldada por uma informação explícita (“Os elegantes de a mais elevada sociedade concorriam a a (sic) feira em grande número). Contudo, para chegar à conclusão, é preciso considerar o fato de que a feira ocorria próximo à moradia do marquês e que havia uma intenção por parte de seus avós e pais em agradar os membros da elevada sociedade para solidificar-se nela. Portanto, para compreender completamente a relação entre os fatos expostos, foi necessário inferir dados implícitos.

A função *Conclusão-Resumo*, por sua vez, considera os casos em que a implicação se dá entre várias informações presentes no discurso anterior e sua síntese. Como já discutido no capítulo 3, adotamos a perspectiva que considera que a relação conclusiva pode ocorrer não apenas entre duas orações, mas também entre porções textuais maiores; como períodos compostos, parágrafos e capítulos (DUCROT, 2009; GUIMARÃES, 2001; DIK, 1997). Em grande parte, a *função conclusão-resumo* consiste em uma síntese resultante de segmentos discursivos maiores e não apenas de uma oração imediatamente anterior. É o caso do exemplo (7):

- (7) No Brasil, em 1980, a atividade criatória se desenvolvia em 2 477 652 estabelecimentos, dos quais 82,89% possuíam área inferior a 100 hectares e detinham apenas 25,5% do número total de cabeças. Por outro lado, os grandes estabelecimentos criadores, com área superior a 1 000 hectares, correspondiam a 1,69% do número total de unidades criadoras e concentravam 33,14% do rebanho nacional.

Nota-se, **portanto**, que a atividade criatória se desenvolve tanto em pequenas unidades criadoras quanto em grandes estabelecimentos agropecuários. [...] (Diagnostico Brasil, séc. XX).

Neste trecho, a conclusão introduzida por *portanto* sintetiza várias informações, funcionando como uma conclusão de um tópico. Nota-se que o primeiro parágrafo apresenta informações sobre os estabelecimentos que desenvolviam as atividades criatórias de maneira detalhada, incluindo dados sobre a quantidade de estabelecimentos e suas respectivas extensões. No parágrafo seguinte, o autor apenas reitera o que fora detalhado anteriormente: que tanto grandes como pequenos estabelecimentos desenvolvem a atividade apresentada.

A análise permite constatar uma trajetória bastante distinta de *portanto* e *por isso* ao longo dos séculos XIX e XX no que se refere à sua função como mostram os resultados da tabela 1.

Tabela 1- Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com a função.

FUNÇÃO	PORTANTO		POR ISSO	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Consequência	5 = 11,6%	13 = 14%	44 = <b>64,7%</b>	16 = 36,4%
Conclusão	28 = <b>65,1%</b>	71 = <b>76,3%</b>	24 = 35,3%	28 = <b>63,6%</b>
Resumo	10 = 23,3%	9 = 9,7%	0 = 0%	0
TOTAL	43	93	68	44

Podemos observar que, no decorrer do período analisado, o conector *portanto* apresenta estabilidade quanto à sua função predominante. Tanto no século XIX como no século XX, *portanto* é mais recorrente em contextos nos quais exerce a função de conclusão-conclusão. Observa-se, inclusive, que o uso de *portanto* na função conclusão-conclusão aumenta do século XIX (65,1%,) para o século XX (76,3%). As demais funções apresentam índices bem mais baixos. Para a função *consequência-conclusão*, verificamos apenas 5 dados (11,6%), no século XIX, e 13 dados (14%) no século XX. É interessante notar também a redução de *portanto* na função conclusão-resumo, que passa de 23,3% das ocorrências, no século XIX, para apenas 9,7%, apesar de manter um número de ocorrências semelhante ao do século XIX.

O conector *por isso* apresenta uma trajetória bastante diferente, como mostra a tabela 1. Verificamos que, no século XIX, *por isso* é mais utilizado com o sentido de conclusão-consequência, com o índice de 64,7%. No entanto, essa porcentagem decresce no século seguinte, passando para 36,4%. Por outro lado, identificamos um aumento dos casos em que o conector expressa a função conclusão-conclusão, de 35,3% de frequência no século XIX para

63,6% no século XX. Um ponto importante a destacar é a ausência de *por isso* na função resumo/síntese, indicando menor versatilidade deste conector.

Os resultados vistos para função refletem, sob certos aspectos, o tipo de segmento que os conectores *portanto* e *por isso* ligam, um aspecto abordado na seção seguinte.

## 5.2 TIPO DE SEGMENTO LIGADO PELO CONECTOR

Como já discutido no capítulo 3, os conectores conclusivos podem ligar diferentes tipos de segmentos textuais, desde os menos complexos, como termos e orações, a segmentos maiores, como períodos, parágrafos e capítulos (MARQUES, 2014).

Em nossa análise, observamos que a relação entre termos pode ocorrer entre palavras, entre expressões ou até entre frases. O exemplo (8) ilustra o uso do conector *por isso* ao ligar dois termos de uma oração, o adjetivo experimentado ao adjetivo culto, conferindo um sentido de conclusão à segunda predicação:

- (8) É próprio do autor jovem a pressa em estrear, a ânsia em aparecer; ao contrário, é próprio do autor experimentado, **e por isso culto**, o vagar, o temor de não estar ainda com o assunto dominado, o receio das falhas que sabe existir em seu trabalho. (Memórias de um escritor, séc. XX).

O caso de ligação entre orações, considerado a ligação básica pelas gramáticas tradicionais, pode ser observado no exemplo (9):

- (9) Ela é filha de Alarico Silveira, pertencendo, **portanto**, à fulgurante estirpe dos Silveiras. (Memórias de um escritor, séc. XX).

A ligação entre segmentos textuais maiores, defendida por diferentes estudos (cf. DIK, 1997; PERES, 1997; DUCROT, 2009; GUIMARÃES, 2001; MARQUES, 2014), como já discutido anteriormente no capítulo 3, é também considerada nesta análise. Em nosso estudo, contemplamos o uso de *portanto* e *por isso* apenas na ligação de períodos compostos e parágrafos. O exemplo (10) corresponde a um caso no qual o conector *portanto* relaciona um parágrafo a outro, atribuindo ao segundo o valor de conclusão/síntese do que é expresso anteriormente:

- (10) Finalmente, considerando-se os produtores que detêm a posse legal das terras, os proprietários, nota-se sua grande expressão numérica (3 390 583), porém, cabe

ressaltar que 36,61% deles possuem estabelecimentos com área inferior a 10 hectares e ocupam apenas 5 245 720 hectares do total de 32 433 335 hectares. Já os grandes proprietários, aqueles que detêm estabelecimentos com área superior a 1 000 hectares, totalizavam, em 1980, 43 937 produtores, que, correspondiam a 1,30% do total de proprietários e ocupavam 47,08% da área total ocupada com essa categoria (152 839 232 hectares). Essa grande concentração fundiária torna-se ainda mais grave quando se atenta para o fato de que 2 211 proprietários, que possuem estabelecimentos com área superior a 10 000 hectares, detinham a posse de 56 247 278 hectares.

**Portanto**, no Brasil, verifica-se, sobretudo, a partir da década de cinquenta, uma reprodução da pequena unidade produtiva paralelamente a uma tendência, cada vez mais forte, à concentração de terras pelos grandes proprietários. (Diagnóstico Brasil, séc. XX).

Além das possibilidades exemplificadas até aqui, foi identificado também o uso de *portanto* na ligação entre uma oração e um constituinte de uma oração anterior, conforme se observa no exemplo (11):

- (11) Em dezembro desse ano de 1929, há quarenta anos, **portanto**, ocorreu minha estréia no que se pode chamar “grande imprensa”(sic). (Memórias de um escritor, séc. XX).

No trecho (11), o conector *portanto* relaciona o sintagma preposicional temporal “em dezembro desse ano de 1929” à oração simples “há quarenta anos”, introduzindo uma informação adicional que pode ser inferida do segmento anterior.

A tabela 2 exhibe os resultados para a ocorrência dos conectores *portanto* e *por isso* em cada um desses contextos:

Tabela 2 - Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com o tipo de segmento relacionado.

TIPO DE SEGMENTO	PORTANTO		POR ISSO	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Oração	17 = <b>39,5%</b>	50 = <b>53,8%</b>	55 = <b>80,9%</b>	27 = <b>61,4%</b>
Segmentos textuais maiores	17 = <b>39,5%</b>	28 = 30,1%	13= 19,1%	16 = 36,4%
Termos da oração	9 = 21%	13 = 14%	0	1= 2,2%
Constituinte + oração	0	2= 2%	0	0
TOTAL	43	93	68	44

Identificamos algumas diferenças importantes na trajetória de *portanto* e de *por isso* ao longo do período considerado no que se refere ao tipo de segmento que interligam. No século

XIX, *portanto* apresenta o mesmo índice para contextos em que liga duas orações e segmentos textuais maiores, com 39,5% de frequência. Para os casos de ligação entre constituintes, ainda apresenta frequência considerável, com 21% dos dados. Em contrapartida, no século XX, atestamos um aumento significativo no uso de *portanto* ao conectar duas orações, com 53,8% das ocorrências. Subsequentemente, o conector privilegia contextos em que liga segmentos textuais maiores, com 30,1% dos dados. Na conexão entre constituintes, ocorre em apenas 14% dos casos. Encontramos baixa ocorrência de *portanto* em contextos em que une uma oração e um constituinte, com apenas 2% dos casos e somente no século XX.

O conector *por isso* apresenta o maior índice de ocorrência na prototípica relação entre duas orações no século XIX, com 80,9% dos dados. Nos casos em que une segmentos textuais maiores, ocorre em apenas 19,1% dos casos. No século seguinte, *por isso* continua predominando na ligação entre duas orações, embora com frequência menos expressiva (61,4%). Em seguida, apresenta 35,6% dos resultados ao conectar porções textuais maiores, indicando um aumento em seu uso nesses contextos. Quanto aos casos de ligação entre constituintes, diferentemente de *portanto* - que apresenta considerável e crescente ocorrência - *por isso* apresenta baixíssima frequência, com apenas 2,2% dos dados no século XX. Não encontramos casos de junção entre um constituinte e uma oração para *por isso* em nenhum dos períodos analisados.

### 5.3 POSIÇÃO DO CONECTOR

Conforme já discutido no capítulo 3, existem divergências quanto à classificação dos elementos de junção utilizados na relação conclusiva. Para alguns autores, esses elementos são advérbios que podem ser usados para a ligação de orações, ou, numa outra perspectiva, se trata de advérbios em processo de gramaticalização como conectores (PEZATTI, 2001; AMORIM; SOUSA, 2009; AZEREDO ET AL, 2009; NEVES, 2000).

Segundo Pezatti (op. cit.), *portanto* está mais próximo de completar seu processo de gramaticalização, e, assim, ele guarda menos características de advérbio do que o *por isso*. Apesar de apresentarem estágios diferentes de gramaticalização, tanto *portanto* quanto *por isso* mantêm a característica adverbial da mobilidade, ou seja, a capacidade de se locomoverem dentro da sentença. Em nossa análise, foram identificadas as seguintes possibilidades:

- a. Em posição inicial:

(12) Por enquanto, ninguém leu nada do que êle (sic) escreveu até agora, em quatro domingos; **por isso** não sei lhe dar opinião... (Memórias de um escritor, séc. XX).

b. Em posição inicial precedido pelo conector “e”:

(13) Era isso apenas um recmso, e naquelles tempos a lypographia bem pouco tinha que imprimir, e **portanto** quasi nada á lucrar. (sic.) (Anno Biographico, séc. XIX).

c. Anteposto ao verbo:

(14) O texto da obra não sofrera alterações: os juízos, **por isso**, podem ser comparados, pois referem-se ao mesmo texto. (Memórias de um escritor, séc. XX).

d. Entre dois verbos de uma locução verbal:

(15) A nossa parenta Castello Melhor, de acordo com outros, queria que entrássemos para o Colégio inglês, denominado de São Pedro e São Paulo, mas o nosso tutor não aprovou, dizendo que podíamos ter colégio em casa. Foi **por isso** convidado para vir substituir o Abade o bem conhecido e respeitável Padre Jeronymo Allen, de o dito Colégio, de oitenta e sete anos de idade e que fora mestre de a nossa tia Castello Melhor. (Memórias do Marquês de Fronteira e d’Alorna, séc. XIX).

e) Posposto ao verbo:

(16) Nessas histórias, que giravam em tórno de peraltices, a violência não encontrava guarida. Elas se diferenciavam, qualitativamente, **portanto**, das histórias em quadrinhos importadas [...]. (Memórias de um escritor, séc. XX).

A tabela 3 exhibe os resultados de nossa análise. Vale ressaltar que consideramos a posição de *portanto* e *por isso* em relação ao verbo dentro da oração. Como discutido na seção anterior, os conectores conclusivos podem unir não apenas orações, mas também termos e porções textuais maiores. Sendo assim, dados pertencentes a esses dois últimos casos não foram computados na análise deste grupo. Esta é a razão para a diferença no total de dados dos conectores, principalmente de *portanto*.

Tabela 3 - Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com a posição que ocupam no segmento textual em que está inserido.

POSIÇÃO DO CONECTOR	PORTANTO		POR ISSO	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Inicial	0	10 = 12,5%	12 = 17,5%	17 = 39,5%
Precedido de “e”	7 = 20,6%	11 = 13,7%	<b>45 = 66,4%</b>	<b>19 = 44,3%</b>
Posição medial anteposto a V	3 = 8,8%	9 = 11,3%	1 = 1,5%	5 = 11,6%
Posição medial posposto a V	<b>23 = 67,7%</b>	<b>47 = 58,7%</b>	7 = 10,2%	2 = 4,6%
Entre verbos	1 = 2,9%	3 = 3,8%	3 = 4,4%	0
TOTAL	34	80	68	43

Também com relação ao grupo de fatores posição, podem ser atestadas diferenças importantes na evolução de *portanto* e *por isso* ao longo dos séculos XIX e XX.

O conector *portanto* apresenta maior ocorrência em posição posposta ao verbo tanto no século XIX, com 67,7% dos casos, como no século XX, com 58,7%. No século XIX, observa-se a ausência de dados em posição inicial absoluta, embora seja um pouco mais frequente quando precedido de *e* (20,6%). Essa distribuição se altera um pouco no século XX com o aumento do número de *portanto* em posição inicial, com 12,5% dos casos, aproximando seu valor de frequência a dos casos em que ocorre precedido de *e*, que apresenta 13,7% dos dados. Os casos de *portanto* em posição anterior ao verbo ou entre os verbos de uma locução são pouco recorrentes, apresentando baixo número de dados, embora a posição anteposta triplique o número de dados no século XX (9 dados)<sup>1</sup>.

De forma um pouco diferente, no século XIX, o conector *por isso* ocorre mais frequentemente em posição inicial precedido pelo conector *e*, (com 66,4% de frequência). No século XX, no entanto, o valor para essa posição (44,3%) se aproxima do da posição inicial, que aumenta sua ocorrência de 17,5% no século XIX para 39,5% no período seguinte. Distingue-se também por ser pouco recorrente na posição pós-verbal, apresentando 7 dados no século XIX (10,2%) e apenas 2 dados (4,6%) no século XX. Já de maneira semelhante a *portanto*, *por isso* é pouco recorrente tanto em posição medial pré-verbal, com somente 1 caso (1,5%) no século XIX e 5 (11,6%) no XX, como entre dois verbos, com apenas 3 ocorrências no século XIX e nenhuma no século XX.

<sup>1</sup> É necessário considerar a diferença no número total de dados ao analisar o aumento nas ocorrências do conector, já que o século XX apresenta muitos mais dados do que o XIX.

#### 5.4 CORRELAÇÃO COM SEQUÊNCIA DISCURSIVA

A identificação dos tipos ou dos gêneros textuais têm se mostrado cada vez mais eficiente e necessária nos estudos voltados para o uso da língua. De acordo com Freitag et al. (2012), a variável sequência discursiva apresenta um papel relevante nos estudos de variação e mudança linguística, principalmente em pesquisas sobre categorias verbais, conectores, marcadores discursivos etc. A consideração desses fatores permite alcançar uma análise mais abrangente, capaz de identificar de que maneira o texto em si pode exigir e influenciar o uso de determinadas formas linguísticas e, conseqüentemente, interferir no resultado da pesquisa. Essa questão ganha maior importância no estudo diacrônico, em que, como já mostramos no capítulo 4, em muitos casos, pode haver uma superposição entre século/período e determinado gênero.

Em nossa pesquisa, optamos por considerar a sequência discursiva, ou seja, partes do discurso, partindo do princípio de que, num mesmo texto, podem se combinar tipos de texto distintos. Sequências discursivas podem ser entendidas como segmentos que compõem os mais variados textos, organizando o discurso e, assim, contribuindo para a caracterização do próprio gênero textual (FREITAG ET AL., op. cit.). Podem ser subcategorizadas em narração, descrição, argumentação, exposição e injunção (MARCUSCHI, 2000; 2008; DECAT, 2012). Consideramos também o tipo dialógico, proposto por Schiffrin (1994), Paredes Silva (1999), Bakhtin (1986), dentre outros.

A sequência narrativa consiste em um relato de fatos ou acontecimentos, contendo elementos como lugares, pessoas e sucessão temporal. Assim, caracteriza-se por ser um enunciado dinâmico, designado por ações e com o predomínio de formas verbais no passado. (WERLICH, 1973 apud MARCUSCHI, 2005; LABOV, 1975; PAREDES SILVA, 1999; FREITAG ET AL, 2012; SAVIOLI; FIORIN, 2002). O exemplo abaixo ilustra uma sequência narrativa:

- (17) O despacho que o Senhor de Murça fizera ao nosso mestre afetava nos um pouco, porque ele representou ao nosso tutor que não podia estar ausente de a sua Abadia e que, **portanto, precisava** que o substituíssem com brevidade, o que nos era muito desagradável. (Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna, séc. XIX).

A sequência descritiva se caracteriza por retratar características, propriedades e aspectos de elementos que compõem o texto, como um ambiente, um ser, um objeto etc. Expressa um caráter estático e apresenta, principalmente, verbos relacionais e adjetivos qualificativos

(WERLICH, 1973 apud MARCUSCHI, 2005; LABOV, 1975; PAREDES SILVA, 1999; FREITAG ET AL, 2012; SAVIOLI; FIORIN, 2002). O segmento textual a seguir é ilustrativo:

- (18) Natural “E’ o signal que não mente; e é **por isso**, senhores, que ainda hoje elle é amado do povo, elle é querido por todos (sic) [...]. (Provocações e Debates, séc. XX).

Sequências argumentativas apresentam um suporte/justificativa para um determinado conceito ou opinião. Em geral, estes segmentos apresentam uma relação de implicação entre uma causa e seu efeito, um fato e sua condição ou uma premissa e sua conclusão (FIORIN; SAVIOLI, 2002). Caracterizam-se por apresentar modalizadores discursivos. O exemplo (19) é um caso de sequência discursiva argumentativa:

- (19) Meu ponto de vista é de que, não existindo ainda revistas especializadas — as que depois apareceram surgiram vinculadas à Universidade e, **portanto**, apenas multiplicando a ação desta [...]. (Memórias de um escritor, séc. XX)

A sequência discursiva expositiva se caracteriza por apresentar conceitos relativos ao mundo real de maneira mais ampla e geral, com uma tendência mais impessoal. Por ainda se tratar de um tipo de dissertação, também contém, comumente, uma relação de implicação (FIORIN; SAVIOLI, 2002), como no exemplo (20):

- (20) Já as atividades agrárias, na medida em que se capitalizam, reduzem o uso do fator trabalho em função da Intensificação do processo produtivo que, cada vez mais, emprega tecnologias modernas, provocando, **portanto**, a migração de trabalhadores rurais para as cidades ou para novas áreas agrícolas. (Diagnóstico Brasil, séc. XX).

A sequência injuntiva consiste em enunciados que incitam a uma ação, visando instruir ou orientar (WERLICH, 1973 apud MARCUSCHI, 2005), constituindo, portanto, atos de fala. Caracteriza-se por apresentar verbos no imperativo, como pode ser observado no exemplo a seguir:

- (21) [...] **Portanto**, excelsior, excelsior! Sursum corda! Trabalhem, eduquemo-nos reformemo-nos para viver... (Provocações e Debates, séc. XX).

As sequências dialógicas envolvem a interação entre interlocutores, ou seja, momentos de falas dos participantes/personagens que integram o ato de comunicação (PAREDES SILVA, 1999; SCHIFFRIN, 1994; BAKHTIN, 1986):

- (22) Ha todos os indícios de que v. não se deu ao cuidado de lêr o citado 2. ° volume; **por isso** hoje lho envio, e, bem assim, vários números do jornal — A Campanha, onde verá o que lhe affirmo. (sic) (Provocações e Debates, séc. XX).

Considerando as sequências discursivas, obtivemos os seguintes resultados para cada um dos conectores considerados.

Tabela 4 - Distribuição de *portanto* e *por isso* de acordo com o tipo de sequência textual em que se insere.

SEQUÊNCIA TEXTUAL	PORTANTO		POR ISSO	
	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XIX	Séc. XX
Expositivo	3 = 6,9%	<b>51 = 54,8%</b>	9 = 13,2%	11 = 25%
Narrativo	<b>26 = 60,5%</b>	25 = 26,9%	<b>52 = 76,5%</b>	11 = 25%
Argumentativo	10 = 23,3%	15 = 16,1%	6 = 8,8%	<b>16 = 36,4%</b>
Descritivo	4 = 9,3%	1 = 1,1%	0	4 = 9,1%
Injuntivo	0	1 = 1,1%	0	0
Dialógico	0	0	1 = 1,5%	2 = 4,5%
TOTAL	43	93	68	44

No século XIX, o conector *portanto* apresenta mais da metade das ocorrências em sequências narrativas, com 60,5% dos dados. Em seguida, apresenta considerável frequência em sequências argumentativas, com 23,3% de frequência. No século XX, por outro lado, sua distribuição muda e o conector passa a ocorrer predominantemente em sequências expositivas, com 54,8% dos casos, aumentando significativamente seu uso nesses contextos de um período para o outro. Subsequentemente, temos as sequências narrativas como seu segundo maior contexto de uso, com 26,9% dos dados.

O conector *por isso* apresenta o maior número de ocorrência nas sequências narrativas no século XIX (76,5%). Contudo, seu uso nesses contextos decresce significativamente no período seguinte, atingindo a mesma frequência que em sequências expositivas, com 25% dos dados. No século XX, o conector ocorre com mais frequência em sequências argumentativas,

com 36,4% das ocorrências.

Nas demais sequências discursivas, ambos os conectores apresentaram baixa ou nenhuma frequência. Enquanto *portanto* não apresentou ocorrência em sequências dialógicas, não foi encontrado uso de *por isso* em sequências injuntivas <sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar, entretanto, que não foram encontradas muitas sequências discursivas dialógicas e injuntiva em nossa análise.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste estudo era o de verificar as mudanças no uso dos conectores conclusivos *portanto* e *por isso* no período do Português Moderno/Contemporâneo. Através de um estudo em tempo real de longa duração, analisamos um conjunto de dados levando em consideração aspectos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos que determinam os usos desses elementos de conexão. Os resultados estatísticos obtidos nos permitiram depreender as principais diferenças entre eles e as mudanças que sofreram no período focalizado.

A análise permitiu constatar, antes de mais nada, uma distribuição diferenciada de *portanto* e *por isso* ao longo do tempo, indicando uma direção inversa ao longo deste período. Enquanto o conector *portanto* aumenta significativamente sua frequência de uso de um século para o outro, o conector *por isso* se reduz consideravelmente

No que se refere à função que os conectores podem exercer, também obtivemos resultados relevantes. Foi depreendida maior versatilidade do conector *portanto* em relação ao *por isso*. Enquanto *portanto* pode desempenhar as funções de consequência, conclusão e resumo, *por isso* não ocorreu exercendo a função resumo/síntese. Atestamos, ainda, que *portanto* é mais utilizado com a função de conclusão em seu sentido mais estrito, um uso que aumenta ao longo dos séculos. Além disso, percebemos uma redução no uso desse conector na função resumo, o que pode ser um indício de mudança. O conector *por isso*, por outro lado, sugere maior possibilidade de mudança linguística. Apresenta redução de seu uso em contextos em que expressa o valor de consequência e, de maneira oposta, um crescimento nos casos em que exerce a função de conclusão.

Tendo em vista que a relação conclusiva pode se estabelecer entre diferentes segmentos textuais, como defendido por diversos autores e discutido anteriormente neste trabalho, ressaltamos que o conector *portanto* pode ocorrer como elemento de ligação entre diferentes tipos de segmentos, sendo mais versátil do que *por isso* também em relação a essa propriedade. Conforme mostram os resultados, *por isso* não ocorre em casos de ligação entre um constituinte e uma oração e apresenta baixíssima frequência na conexão de dois constituintes de uma mesma oração. O conector *portanto*, por outro lado, ocorre em ambas as situações e, ao longo do tempo, reforça esse primeiro uso. Sendo assim, comprova-se, conforme já defendido por outros autores, que a ligação entre constituintes internos de uma oração parece estar mais restrita a *portanto* (NOVAES, 2001). Ao comparar os resultados, notamos também um aumento no uso de *portanto* nos casos em que liga duas orações. O *por isso* apresenta um crescimento na

frequência de uso ao conectar segmentos textuais maiores, e, embora tenha se mostrado mais frequente interligando duas orações em ambos os períodos, seu uso nessa função decresce.

Outra propriedade que também sobressai em nossa análise diz respeito à posição que o conector ocupa no segmento textual em que está inserido. De acordo com nossos resultados, é possível constatar que o conector *portanto* ocupa mais frequentemente a posição posposta ao verbo; o conector *por isso*, por sua vez, privilegia a posição inicial da oração. Contudo, algumas mudanças puderam ser identificadas em relação a essa tendência. Notamos que, embora *portanto* não apresente significativa frequência em posição inicial, há um aumento no seu índice de frequência nos casos em que ocorre em posição inicial absoluta, equilibrando, inclusive, esse tipo de ocorrência com a dos casos em que ocorre precedido pelo conector *e*. Em contrapartida, o conector *por isso*, que ocorre mais frequentemente acompanhado pelo conector *e* durante todo o período, diminui sua frequência nessa posição e amplia seu número de ocorrências em posição inicial absoluta.

Por fim, identificamos trajetórias bastante distintas entre os conectores em relação à variável sequência discursiva. Nossa análise indicou uma maior incidência do conector *portanto* em segmentos narrativos, contudo, essa frequência se reduz entre os séculos XIX e XX. Em contrapartida, houve um aumento expressivo da sua ocorrência em trechos expositivos de um século para o outro. O conector *por isso*, que apresentou ocorrência predominante em sequências narrativas no século XIX, reduz seu uso neste tipo de contexto e aumenta sua frequência em sequências argumentativas.

A análise apresentada nos permite concluir que, embora tanto *portanto* como *por isso* constituam elementos de realização da relação conclusiva, apresentam diferenças quanto às suas propriedades e seus usos preferenciais, revelando que nem sempre podem ser considerados alternantes equivalentes. Ademais, como discutimos ao longo de todo o capítulo de análise, *portanto* e *por isso* apresentam trajetórias de mudança linguística bastante diferenciadas, o que evidencia ainda mais este fato.

Para concluir, pretendemos expandir a presente análise para outros períodos do português a fim de verificar se as tendências encontradas neste estudo se confirmam ao longo da história do português. Requer uma análise mais detalhada o desenvolvimento, a história e o uso desses conectores conclusivos, em especial de *por isso*, de forma a contribuir para os estudos sobre mudanças dos conectores conclusivos e, de forma mais geral, para os processos de mudança linguística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, D. V. S. *Uma investigação funcionalista do MD então no estabelecimento de relações retóricas em elocuições formais do português*. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.
- AMORIM, C.; SOUSA, C. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, 2009.
- AZEREDO, M. O. *et al. Gramática prática do Português: da comunicação à expressão*. Lisboa: Lisboa Editora, 2009.
- BAKHTIN, M. M. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BARBOSA, J. S. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Academia Real da Ciências, 1881. p. 243-251.
- BARRETO, T. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2009.
- BRIGGS, C; BAUMAN, R. Genre, intertextuality, and social power. *Journal of Linguistic Anthropology*, v.2, n.2, p.131-72, 1992.
- BYBEE, J.; BECKNER, C. *Usage-based Theory*. In: HEINE, B.; NARROG, H. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge, UK. 2010.
- BYBEE, J. *Morphology as lexical organization*. In: HAMMOND, M.; NOONAN, M. *Theoretical morphology*. San Diego: Academic Press, 1988.
- CARDEIRA, E. *Revisitando a periodização do português: o português médio*. Domínios da Linguagem, Revista Eletrônica de Linguística, ano 3, n. 2, p. 103-115, 2009.
- CARONE, F. B. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1997.
- CROFT, W. *Autonomy and functionalist linguistics*. *Language* 71, 1995.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 565-567.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Constructions with if, since, and because: causality, epistemic stance and clause order*. In: COUPER-KUHLEN, E. KORTMANN, B. (Ed.) *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 111-142.

DECAT, M. B. N. *Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso*. Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.8, n.1, junho de 2012.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar II - Complex and derived constructions*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DIRVEN, R.; FRIED, V. *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1987.  
DUCROT, O. *Argumentação retórica e argumentação linguística*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

FREITAG, R. M. K.; REIS, M.; BACK, Â. C. D. P.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; DAL MAGO, D. O controle do gênero textual/seqüências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. Revista Odisseia, n. 3, 28 jun. 2012.

FIGUEIREDO, O. E.; FIGUEIREDO, E. B. *Itinerário gramatical: gramática do discurso e gramática da língua, ensino secundário*. Lisboa: Porto Editora, 2009.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: Leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2002.

FONTAINE, J. *O Círculo Lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix/Ed. USP, 1978.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. RJ: DP&A, 2003.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. São Paulo: Pontes, 2001.

KEMMER, S.; BARLOW, M. (Eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

KOCH, I. G. V.; SILVA, M. C. P. *Linguística aplicada ao Português: Sintaxe*. São Paulo: Cortez, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, vol 1: internal factors*. Cambridge, Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1975.

LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LANGACKER, R. W. *A Usage-Based Model*. In: RUDZKA-OSTYN, Brygida (ed.). *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 127-161.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva*. Revista Gragoatá, Niterói, n.21, p.59-72, 2006.

LOPES, A. C. M.; PEZATTI, E. G.; NOVAES, N. B. *As construções com “portanto” no português brasileiro e europeu*. Scripta, Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 203-18, 2001.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE, 2000.

MARQUES, N. B. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. 2014. 160f. Tese (doutorado), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, SP, 2014.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. *Gramaticalização de “então”*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATTOS E SILVA, R. V. *Novas contribuições para a história da língua portuguesa*. Diadorim, Rio de Janeiro, v. 2, p. 99-113, 2007.

MIRA MATEUS, M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho. Lisboa, 2003.

MIRA MATEUS, M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1986.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NOVAES, N. B. *Divergências e similaridades nas variedades brasileira e europeia do português: um estudo da forma ‘portanto’*. 198f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2001.

PAIVA, M. C. *Mudança em tempo real e em tempo aparente*. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Introdução: a mudança linguística em curso*. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança Linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PAIVA, M. C. *Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade*. In: MACEDO, RONCARATI & MOLLICA (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 63-74.

PAIVA, M. C. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

- PAREDES SILVA, V. L. *Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana*. Boletim da ABRALIN, Florianópolis, v. 23, p. 81-93, 1999.
- PASQUALE, C. N.; INFANTE, U. *Gramática de Língua Portuguesa*. Scipione: São Paulo, 1998.
- PERES, J. A. *Sobre conexões proposicionais em português*. In: BRITO, A. M. et al. *Sentido que a vida faz: estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 1997. p. 775-788.
- PEZATTI, E. G. *O advérbio “então” já se gramaticalizou como conjunção?* Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v.17, n.1, p. 81-95, 2001.
- PEZATTI, E. G. *As construções conclusivas no português falado*. Gramática do português falado. São Paulo: FAPESP, v.8, 1999.
- RISSO, M. S. *Marcadores discursivos basicamente sequenciadores*. In: JUBRAN, C.C. A; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. V. 1. Construção do texto falado. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006. p.427-496.
- ROCHA LIMA, C. H. *Teoria da análise sintática*. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- SARDINHA, L.; OLIVEIRA, L. *Gramática formativa do Português*. Porto: Didáctica, 2010.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul*. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.
- SCHIFFRIN, D. *Approaches to Discourse*. *Blackwell Textbooks in Linguistics*, Oxford: Blackwell, 1994.
- SWEETSER, E. *Conjunction, coordination and subordination*. In: SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 76-112.